



IUGOSLÁVIA: ENIGMA GEOPOLÍTICO

Therezinha de Castro

*Professora de História no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, e
Geógrafa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.*

1 - INTRODUÇÃO

Em março de 1975 eram gritantes as divergências entre os delegados estrangeiros que compareceram ao XIV Congresso do Partido Comunista Italiano. Daí haver sido criada a expressão polêmica — *eurocomunismo*, dentro do conceito ideológico-geográfico (comunismo europeu) pelo iugoslavo Frane Barbieri, na mesma ocasião.

Dentro da *contradição neutralista*, o eurocomunismo, pretendendo se manter num posicionamento independente entre os Estados Unidos e a Rússia, se põe a uma europeização gradual do sistema soviético.

Europeização até certo ponto efêmera, visto que a Rússia se mantém tão ligada, por intrincada rede de acordos bilaterais, aos países da Europa, que, até mesmo se se dissolvesse o Pacto de Varsóvia, quase não se afetaria o seu posicionamento geopolítico. O que já não ocorre com o Bloco Ocidental, liderado pelos Estados Unidos; pois, um neutralismo efetivo, que impusesse o abandono progressivo da Europa, só poderia beneficiar a hegemonia soviética.

2 - O TITOISMO

Caracterizando uma divisão dentro do marxismo, a *União dos Comunistas Iugoslavos* é o primeiro e mais convincente partido eurocomunista.

Original, o *comunismo iugoslavo, ou titoísmo*, não resultou de derrota do regime anterior, nem de intervenção estrangeira; foi fruto da vitória militar, em luta

de libertação contra o expansionismo alemão na Segunda Guerra Mundial. O movimento teve como base um *nacionalismo* a ser implantado numa área de várias nacionalidades. Dentro do contexto, o comunismo iugoslavo marcou a sua origem com a característica de *rebelião contra o monocentrismo soviético*.

Constituída por seis Repúblicas Autônomas e outras duas regiões também autônomas, desigualmente desenvolvidas, a Iugoslávia se vem mantendo dentro de um *comunismo não ortodoxo*. (Mapa 1)



O titoísmo se auto-organizou como governo comunista ortodoxo dentro do princípio de *não violar as liberdades* (direitos humanos), mas sem se esquecer de *"neutralizar os espões"* (deveres humanos). No último caso com muita afinidade com o comunismo propriamente dito, que, abafando todo e qualquer movimento de oposição, elimina as classes sociais e conseqüentemente anula as lutas de classes.

A Iugoslávia, embora procurando adotar um meio termo, permite que haja *debates no Parlamento*, que os projetos governamentais sofram *emendas*; mas impede seu sistema de governo a formação de um bloco de *oposição sistemática*.

Repúblicas Federadas	População (Est. 1976)	Área (km ²)	Capital
Sérvia	5.536.000	55.968	Belgrado
Croácia	4.490.000	56.538	Zagreb
Eslovênia	1.766.000	20.251	Liubliana
Bósnia—Herzegovina	3.922.000	51.129	Serajevo
Macedônia	1.730.000	25.713	Skopje
Montenegro	553.000	13.812	Litogrado
Vojvodina*	1.970.000	21.506	Novi Sad
Kosovo*	1.366.000	10.887	Pristina

* Regiões Autônomas dentro da República da Sérvia.

A "circulação de idéias" se realiza dentro de rígida disciplina estabelecida pela *lei de imprensa*, que proíbe, entre outras coisas, a publicação de fatos relacionados com qualquer divergência mais séria entre órgãos estatais.

Assim, dentro do modelo disciplinar, o jornal "Política", fundado em 1904, vem mantendo sua tradição de publicar os debates parlamentares, desde que não ponham em risco a unidade do país que não é uno.

É notória, ainda, a *interferência na gestão das Escolas Superiores* (secular e tradicionalmente autônomas), quer pela demissão de professores ou expulsão de alunos; além do fechamento de revistas dirigidas por *intelectuais*, o que chegou até nós no caso de Mihajlo Mihajlov, escritor condenado a sete anos de prisão, anistiado em 1978 com outros 218 presos políticos. Característico é também o caso de Milovan Djillas, que vive em Belgrado como ministro aposentado, e cujos trabalhos não se permite publicar no país, podendo ser, entretanto, difundidos no exterior. Em seu livro "Tempo de Guerra", publicado em 1977, Djillas, que foi companheiro de Tito nas guerrilhas contra tropas alemãs na Segunda Guerra Mundial, afirma que sérvios mataram croatas e vice-versa, num mesmo grau de luta que desenvolveram cristãos e muçulmanos. Não esconde também que Tito ordenou o massacre de cerca de 30 mil sérvios, croatas e eslovenos, acusados de colaboracionistas ou desertores durante a guerra.

Depreende-se, pois, que a Iugoslávia pode ser considerada como o país europeu oriental mais aberto; tão aberto que o turismo é uma das mais importantes fontes de receita. Isto em função da circulação de estrangeiros, que cruzam o território iugoslavo, sobretudo em direção ao litoral dalmata, onde Dubrovnik é centro dos mais procurados; como também pelos numerosos iugoslavos que vão gozar seus momentos de férias em outros países.

3 – FORMAÇÃO GEOPOLÍTICA

O que muito preocupa o governo comunista ortodoxo iugoslavo é a sua *vulnerabilidade* marcada por sua própria formação geopolítica. E, neste caso, tem muita semelhança com a Rússia, no que diz respeito aos *nacionalismos de etnias variadas* no seio do país. Dentro do contexto, parafraseando Stanley Hoffman, podemos afirmar que a estratégia do equilíbrio de poder na Iugoslávia não trouxe o equilíbrio interno ao país.

País que *não constitui uma nação*, a Iugoslávia se formou geopoliticamente, durante a Primeira Guerra Mundial, como um conglomerado administrativo, sem laços de solidariedade e marcada por antagonismos históricos. *Mero expediente da História*, a Iugoslávia nada mais foi do que consequência política da Primeira Guerra Mundial. Tratava-se de *premiar a Sérvia*, líder do movimento de unificação pan-eslavo, dando destino à Eslovênia e à Bósnia-Herzegovina, desmembradas do Império Austro-Húngaro.

Em *Serajevo*, na Bósnia, o assassinato do Arquiduque Francisco Fernando por um nacionalista sérvio precipitaria os acontecimentos que deram origem ao primeiro conflito mundial. Curiosamente a obra de ficção de Sir John Hackett, intitulada "A Terceira Guerra Mundial – Agosto de 1985", transforma a invasão da Iugoslávia, que hoje engloba Serajevo, na causa inicial de um conflito bélico generalizado.

Em 1918 surgia o *Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos* sob o governo do rei Pedro I da Suécia. Em 1929, sufocando um movimento separatista na Croácia, instalava-se a ditadura monárquica de Alexandre I, passando o país a ter o nome de *Iugoslávia*.

A despeito do assassinato de Alexandre I em Marselha por um croata, em vésperas da Segunda Guerra Mundial (1934), a monarquia foi mantida na Iugoslávia, que, sob a regência do Príncipe Paulo, se alia ao eixo Roma-Berlim-Tóquio (1941).

A *dissidência interna* se faz logo notória; o governo pró-alemão é derrubado e a conseqüente invasão alemã leva o país à guerra civil (1943). De um lado os *chetniks*, força de resistência liderada por *Draja Mihailovich*; do outro, os partidos comunistas de *Josip Broz Tito*.

Com a vitória de Tito (1944), a expulsão dos alemães e a abolição da monarquia, fundava-se a *República Popular da Iugoslávia* (1945).

4 – O NEUTRALISMO

Em seu vigoroso *plano de comunização* do país, Tito centraliza o poder; executa a oposição liderada por Mihailovich, condenando-o à morte; e anula a outra facção oposicionista da Igreja Católica prendendo o Cardeal Stepinac.

Torna-se grande o *prestígio pessoal de Tito*, comparável ao de Mao-Tsé-Tung (China), por terem como líderes expulsado os invasores sem o auxílio da Rússia durante a Segunda Guerra Mundial; tal fato levaria os dois ao gradativo *posicionamento de independência frente a Moscou*.

Assim, em 1948, revoltado com Stalin que procurava dominar a Iugoslávia, enquadrada na faixa da "Cortina de Ferro", *Tito rompe oficialmente com a Rússia*; rompimento que se mantém a despeito da queda do "stalinismo" (1953) e da visita de Krutchev a Belgrado (1955), interpretada por muitos como um pedido de desculpas aos iugoslavos.

Um rompimento ainda mais efetivo foi novamente sentido com a intervenção soviética na Hungria (1956), cimentado ainda mais com a invasão russa na Tchecoslováquia (1968). É então que Tito encaminha a Iugoslávia para *uma nova e efetiva política de defesa*, tendo em vista o princípio de que a ameaça à soberania iugoslava provinha não apenas dos "imperialistas", mas de todas as "super-potências".

O conceito de "*Defesa Geral do Povo*", implantado por Tito em 1968, permite engajar cerca de 70 a 80% da população iugoslava, que, segundo estimativa (1977), é de cerca de 22 milhões de pessoas.

Com serviço militar obrigatório de 15 meses, o contingente mantém cerca de 250 mil homens nas forças armadas regulares, conservando meio milhão na reserva. Além da "*Força de Defesa Territorial*", estimada em 1 milhão de homens mas planejada para 3 milhões, é ativo um contingente de 20 mil combatentes nas faixas de fronteira.

Dentro do conceito de "*Defesa Geral do Povo*" todo cidadão iugoslavo tem o dever de resistir a um eventual ataque; fato complementado pela *Lei de Defesa Nacional*, que em seu artigo 7º declara textualmente: — "ninguém tem o direito de aceitar ou reconhecer a ocupação do país ou de quaisquer de suas partes".

Nessas condições todo o país se concentra desde 1968, em *estado-de-alerta*: as crianças recebem treinamento nas escolas; os rádio-amadores são organizados com finalidades defensivas; enquanto ao lado da "Federação Nacional do Rifle" uma longa lista de organizações defensivas para-estatais podem ser notadas.

O estado-de-alerta é até exibido, pois além das mulheres atingidas pela obrigatoriedade do "*Serviço de Defesa Territorial*", os estrangeiros podem ver, ao longo dos desfiladeiros e principais rodovias do país, as armadilhas para tanques e outros recursos de defesa. Recursos de defesa deste país que afirma poder mobilizar metade de suas forças em três e seis horas, e toda ela em apenas 48 horas.

5 — ASPECTO GEOESTRATÉGICO

Com seu *território caracterizadamente acidentado*, a região norte e leste da Iugoslávia é formada por planícies e colinas interrompidas por pequenas cadeias de montanhas; enquanto cerca de 2/3 do restante são nitidamente montanhosos. (*Mapa 2*)



Envolvida na *bacia do Danúbio*, posicionada no sudeste europeu, a Iugoslávia é limitada ao norte pela Áustria e pela Hungria; no leste, se encontram a Romênia e a Bulgária; no sul a Grécia e a Albânia; e no oeste a Itália e a costa iugoslava dalmata no mar Adriático. (Mapa 3)

Representa, pois, a Iugoslávia sob o ponto de vista geopolítico e geoestratégico a categoria do *estado-tampão* de um lado, e *região-de-topo ou amortecedora*, do outro, entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia.

Em 1968, ameaçada a Iugoslávia ante a invasão da Tchecoslováquia, o Conselho da OTAN aquilatarou que tanto o país de Tito quanto a Áustria passavam a ter papel relevante para a Aliança Ocidental. Nessas duas áreas estratégicas — a Áustria tem sua neutralidade garantida (pelo menos por Tratado), enquanto com a neutralista Iugoslávia nada havia nem há de concreto de modo a afastar ou manter a preocupação do Bloco Ocidental. A Iugoslávia transformara-se num enigma.

Sem ligações com o Pacto de Varsóvia, mas também sem compromisso para com a OTAN, essa última sem dúvida a auxiliará num caso de ameaça soviética.

Em contrapartida, num caso de invasão, seria bem provável a abertura de várias frentes de batalha, pois não seria suficiente o ataque só pela Hungria, onde já



estão sediadas tropas soviéticas. Os russos teriam que se movimentar também através da Rumânia e Bulgária, onde desde 1968 não estão estacionadas as tropas soviéticas. Isso, levando-se em conta o que em 1968 afirmou o general tcheco Jan Sejen, que se exilou no ocidente revelando o plano de invasão da Iugoslávia pelas forças do Pacto de Varsóvia. Segundo esse militar a agressão, em sua primeira etapa, também não seria levada a efeito pela Rússia ostensivamente e sim por meios indiretos.

Quanto aos meios indiretos não há que esquecer que a Rússia já esteve, comprovadamente, envolvida em disputas internas na Iugoslávia; e que bem poderá voltar a tirar proveito das *dissenções existentes entre os diferentes grupos étnicos* que repartem entre si o país.

Consciente da *falta de coesão nacional*, Tito traçou seus planos sucessórios. A nova Constituição adotada em 21 de fevereiro de 1974, e que já é a quarta a ser posta em vigor desde 1945, determina que a *presidência deve ser exercida alternadamente por oito membros da Comissão Presidencial*. Essa Comissão é constituída pelos seis representantes das repúblicas, e mais outros dois que respondem pelas unidades administrativas autônomas.

Inspirado no modelo suíço e idealizado para funcionar como teórica liderança coletiva, não pôde ainda esse poder executivo ser bem aquilatado. Isto porque, embora já em funcionamento há alguns anos, esse governo colegiado é ainda sustentado pela presença do mito — Tito, cuja liderança além de simbólica vem sendo efetiva.

6 - CONCLUSÃO

Autêntico enigma geopolítico, a Iugoslávia, liderando um movimento de países que se proclamaram *não-alinhados*, conseguiu libertar-se da Rússia sem cair na órbita do Bloco Ocidental.

Embora ideologicamente na Área do COMECON, tem recebido o apoio ocidental, sobretudo em aberturas comerciais. Daí suas três indústrias automobilísticas.

A despeito do *neutralismo econômico*, embora a Iugoslávia não se caracterize como uma sociedade de consumo propriamente dita, o país foi induzido a um destacado nível de competição, oferta de serviços e bens de consumo não se vê em Moscou.

Mantém a Iugoslávia, exportadora de madeira, metais não ferrosos, metais, têxteis e maquinarias, laços comerciais tanto com a Rússia, como com os Estados Unidos, com a Alemanha Ocidental, com a Itália e com a Tchecoslováquia.

No cômputo geral, o neutralismo iugoslavo se até ao princípio de que a segurança só aumentará, no âmbito das Relações Internacionais, quando se desfizerem os grandes blocos políticos. Assim, numa espécie de *"fogo cruzado"* entre *Washington e Moscou*, entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia, a Iugoslávia de Tito passou a liderar o movimento em prol das garantias internacionais para fronteiras seguras e do direito de caminhos independentes para os países comunistas. Só uma autêntica revolução anti-imperialista, anti-hegemônica e anti-colonialista se constituirá na salvaguarda da paz e segurança do mundo.

Se viesse a se tornar membro do Pacto de Varsóvia, a Iugoslávia poderia se converter em séria ameaça para a OTAN; sobretudo, levando-se em conta o seu posicionamento geoestratégico de bloqueio para o flanco sul. Assim, dentro da tese geopolítica de Mackinder, a Rússia, que detém o "heartland" na massa continental euroasiática, não conta com a periferia sob seu controle, que está com a OTAN no lado europeu e com a China e o Japão no lado asiático.

Dentro, pois, da *política do envolvimento*, que vem sendo implantada ponto após ponto pelo Almirante Gorshkov, o objetivo russo tem sido o da saída pelos mares quentes e livres do sul. E uma dessas saídas está *estrategicamente situada na costa acidentada da Dalmácia, pertencente à Iugoslávia*, oferecendo excelente acesso ao Adriático.

Não se envolvendo, desde 1968, diretamente com a Iugoslávia, parece a Rússia acatar o tempo de espera dentro do que se convencionou chamar de *desígnio geopolítico temporário do recuo*. Vem agindo assim também na Áustria e na Finlândia, dando a impressão de "concordar" com suas respectivas neutralidades.

Sabemos, no entanto, que antes de 1968 a linha neutralista seguida pela Iugoslávia induzindo-a para rumo divergente do bloco comunista, exasperou a Rússia. Exasperou-a, levando-a, antes de adotar o período do desígnio geopolítico tem-

porário do recuo, a tomar medidas drásticas tais como: expulsar a Iugoslávia do Cominform (1948) e impôr-lhe bloqueios econômicos (1949 e 1953).

Em 1955, quando a "guerra fria" se encontrava no auge, com o apoio de Nehru da Índia e Nasser do Egito, Tito dava *forma à filosofia do não-alinhamento*. Os princípios do movimento foram restabelecidos em território iugoslavo, na histórica Conferência de Belgrado (1961). Quando abriu os seus trabalhos, Tito definiu como meta principal dos não-alinhados o repúdio à política dos blocos. O não-alinhamento também se deveria colocar frontalmente contra a política da farsa e da intervenção. E, finalmente, que o não-alinhamento perderia o seu valor intrínseco no momento em que, mesmo do ponto de vista econômico, seus membros se inclinassem para um ou outro bloco.

Em sua existência a Iugoslávia vem se confundindo com o próprio Tito e com o seu pensamento geopolítico; e em conseqüência, procurando reforçar os princípios dos não-alinhados e lutando contra a divisão do movimento.

Nessas condições, dentro do que se convencionou chamar de "*neutralismo político*", a Iugoslávia condenou na Conferência de Belgrado (1978) a atitude de países que "realizaram uma política tendente a favorecer um dos dois grandes blocos político-ideológicos que disputam a hegemonia mundial".

Condenando a atuação de Cuba na África, manipulada pelo neo-colonialismo russo, tornava-se público e notório que Tito contestaria o projeto de declaração proposto por Fidel Castro à *VIP Conferência de Cúpula dos Países Não-Alinhados*.

A escolha de Havana como sede da Conferência já era por si só um acinte ao movimento, pois se constituía numa séria ingerência de Moscou. Nessas condições, graças à atuação da Iugoslávia, representada em Havana pelo próprio Tito (setembro de 1979), 75% do texto preparado por Fidel Castro seria emendado.

Em sua fase de afirmação como entidade política, a Iugoslávia, orientada pela mão forte de Tito, se constituiu no *autêntico enigma geopolítico* tanto para a Rússia quanto para os Estados Unidos. Embora fossem sempre notórias as tendências iugoslavas pró-comunismo, na prática a forma de governo adotada por Belgrado foi sempre de surda oposição a Moscou.

Em sua forma original neutralista, num mundo dividido em dois blocos, a Iugoslávia, na área da "Cortina de Ferro", que Haushoffer definiu como o "Cinturão do Diabo", se transformou numa espécie de "*ventre macio*" da Europa.

Como enigma geopolítico, a Iugoslávia escapou da asfixia imposta à Hungria e à Tchecoslováquia. Escapou, pois, à Doutrina de Brejnev, só anunciada oficialmente em 1968, que afirma ser direito de Moscou intervir em qualquer área onde "a causa do socialismo enfrente ameaças de uma derrocada política". Moscou não permitiu que as fronteiras do comunismo recuassem no setor da "Cortina de Ferro", mas não com relação ao titoísmo, o enigma que se manteve.